

Como citar: APOSTOLO, Cárta Regina Tadeu. *A leitura na vida do aluno: necessidade ou frustração?*. In: Revista Digital Simonsen. Rio de Janeiro, n.3, Nov. 2015. Disponível em: <www.simonsen.br/revistasimonsen>

Letras

A LEITURA NA VIDA DO ALUNO: NECESSIDADE OU FRUSTRAÇÃO?

Por: Cárta Regina Tadeu Apostolo¹

Resumo: A proposta deste artigo é discutir a importância da leitura para o aluno de ensino médio através de estratégias em sala de aula, dentre elas as rodas de leitura e a consequente influência na formação do sujeito, sendo significativa na construção de sua identidade. O objetivo é compreender como a postura do professor e as práticas pedagógicas podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura visto que são pontos cruciais para o crescimento e a formação de todo indivíduo dentro e fora da escola. A fundamentação teórico-metodológica pautou-se pela observação das relações entre os sujeitos - autor e leitor - como também entre sujeitos e “objetos”, buscando seus significados e valores no cotidiano do aluno-leitor. Eni Orlandi, Paulo Freire e Ingedore Villaça Koch foram alguns dos autores com quem me identifiquei já que suas ideias evidenciam a importância da leitura como atividade funcional da comunicação e deixam explícita a relevância da intervenção docente no processo de seleção de atividades para a sistematização da leitura.

Palavras-chave: Leitura, formação, rodas de leitura.

¹ Professora de Língua Portuguesa, especializada em Linguística Aplicada à Língua Portuguesa, mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis. E-mail: prof.ctadeu@gmail.com.

Introdução

Este artigo pretende discutir a importância da leitura no processo de desenvolvimento do aluno do ensino médio através de atividades direcionadas pelo professor, dentre elas as rodas de leitura.

O fato de ser professora do Ensino Fundamental II, do Ensino Médio e também do Ensino Superior me impulsionou pesquisar como o papel do professor do Ensino Médio pode influenciar na formação do aluno-leitor assim como contribuir para a construção de sua identidade já que a dificuldade detectada em meus alunos pode ser um problema enfrentado por muitos docentes. Na inter-relação entre leitura e formação do leitor está implícita a construção da identidade. Isso porque o processo de formação do leitor incide na subjetividade de cada leitor-ouvinte (que é o caso da roda de leitura, onde se privilegia a leitura oral de um texto). Na verdade, o mais importante é o que o aluno faz de suas leituras e como as transforma em convicções próprias. Em suma, como ele é por elas formado, como se transforma enquanto sujeito e, conseqüentemente, como vai (re)construindo sua identidade. Se existe capacidade de pensar sobre a leitura e até mesmo de narrar histórias, de inventar, de imaginar, existe a possibilidade de (re)ler a própria vida.

Nas rodas de leitura busquei compreender as redes de significados enunciados a partir dos pontos de vista do outro, no caso, os alunos do Ensino Médio. Em todo o processo, colocou-se a busca de autonomia para as pessoas que se veem oprimidas em uma sociedade predominantemente baseada nos textos escritos já que não dominam a leitura e vivem, em condições adversas, distantes dela. Percebi o quanto nós, professores, podemos transformar a leitura, a princípio oral, em ferramenta de uso pedagógico para o desdobramento de habilidades de leitura e, por que não dizer, transformar os alunos em leitores.

Dessa forma, não há como deixar de citar FREIRE, ao afirmar:

Mas, é importante dizer, a "leitura" do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado... Fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior de meus pais...²

Porque concordo com o pressuposto de que a escola precisa proporcionar momentos prazerosos de leitura que envolvam todo o contexto familiar e social em que o aluno, leitor em formação, está inserido, potencializando a construção de um sujeito crítico e reflexivo. Faz-se necessário que as práticas do professor em sala de aula

² FREIRE, 2009, p. 32

satisfaçam as necessidades reais do aluno, considerando-o participante ativo do seu processo de leitor em construção. Esse aluno chega à escola com um conhecimento de mundo amplo que não deve ser desprezado. Cabe à escola associar essas informações às propostas pedagógicas que atendam às necessidades específicas em relação à construção de um aluno-leitor.

Portanto, o tema abordado neste artigo é relevante porque as possibilidades que as habilidades de leitura proporcionam são fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. Esse aluno faz parte de um grupo social em ascensão, na era da informação e, para atender essa demanda, é necessário o trabalho com leitura, proporcionando condições favoráveis ao desempenho intelectual e social do sujeito. Como é função da escola desenvolver as referidas habilidades em leitura, devem-se aprimorar as atividades que atinjam tais objetivos para que tenhamos cidadãos conscientes e acima de tudo leitores plenos.

Conceito de leitura

Pesquisas apontam que nosso país apresenta um número considerável de analfabetos funcionais (termo indicado pela UNESCO na década de 70 e que, no Brasil, passou a ser empregado e amplamente discutido a partir de 1990. Segundo a

pesquisa, a pessoa apenas lê sem fazer o uso da leitura). Esse número demonstra que a escola não está desenvolvendo um trabalho com leitura que promova um resultado condizente com as habilidades na área, mas priorizando uma abordagem superficial, considerando-a apenas uma decodificação.

Constantemente se comenta que há a necessidade de se cultivar o hábito de leitura entre as crianças e jovens e sobre o papel da escola e, conseqüentemente, do professor na formação de leitores competentes. Todavia, antes de se iniciar toda essa discussão, devemos nos questionar acerca de questões como: o que é ler? Para que ler? Como ler?

Essas perguntas podem apresentar diferentes respostas sobre a concepção de leitura, dependendo da noção de sujeito, de língua, de texto e sentido que se considere.

Sobre esses questionamentos, KOCH³ afirma que o foco pode estar no autor, no texto ou na interação autor-texto-leitor.

Quando o foco é o autor, a leitura é entendida como a atividade de captação das ideias do autor, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, ou seja, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos sócio-cognitivo-interacionalmente.

Levando em conta o foco no texto, a leitura é uma atividade que exige do leitor a

³ KOCH, 2002, p.10

atenção à linearidade do texto uma vez que “tudo está dito no dito”. Se, na concepção anterior, cabia ao leitor reconhecer as intenções do autor, nesta cabe-lhe reconhecer os sentidos das palavras e estruturas textuais. Porém, em ambas, o leitor apenas pratica uma atividade de reconhecimento, de reprodução.

Desta forma, a concepção de leitura com a qual trabalhei nas rodas de leitura, refere-se ao foco na interação autor-texto-leitor já que considero a leitura como uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentido, que se realiza com base em elementos linguísticos e na estrutura textual, mas requer a associação a uma diversidade de saberes no interior do processo comunicativo.

Segundo o dicionário, ler em uma de suas acepções significa “percorrer com a vista proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as...”. Do ponto de vista da linguística imanente, poder-se-ia tomar a leitura como decodificação e se proporiam técnicas que derivassem do conhecimento linguístico estrito. Em outras palavras, seria entendido que o texto tem um sentido e o aluno deveria apreender esse sentido.

Não acredito que se deva restringir a reflexão da leitura ao seu caráter mais técnico. Nessa óptica, as atividades propostas colocam à disposição do aluno apenas um número alto de textos, algumas vezes até frases isoladas, que não se relacionam ao interesse do grupo.

A leitura não se limita apenas à decifração e decodificação de sinais gráficos. É muito mais do que isso: exige participação efetiva, levando-o à construção do conhecimento e a sua identificação, reconhecendo-se no texto. Assim, a leitura deve ser entendida como a apreensão de um sentido (informação) associado à vivência do aluno, ou seja, à sua visão de mundo, porque o leitor não apreende meramente um sentido que está lá, o leitor atribui sentidos ao texto. Segundo ORLANDI:⁴

(...) a leitura é o momento crítico da constituição do texto, o momento privilegiado do processo de interação verbal, uma vez que é nele que se desencadeia o processo de significação (...). São componentes das condições de produção de leitura: os sujeitos (autor e leitor), a ideologia, os diferentes tipos de discurso, a distinção entre leitura parafrástica (que procura repetir o que o autor disse) e a polissêmica (que atribui múltiplos sentidos ao texto), assim há a necessidade de se levar em conta as histórias de leitura do texto e as histórias de leitura do leitor.

Portanto, a leitura não se limita apenas à decodificação de símbolos, mas envolve uma série de táticas que permitem o sujeito compreender o que lê. Elucidando, os PCN's:⁵

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada

⁴ ORLANDI, 2008, p.38

⁵ PCN's, 2001, p.54

para abordá-los de forma a atender a essa necessidade.

Observo que a capacidade para aprender está ligada ao contexto pessoal do sujeito. Assim, Lajolo⁶ afirma que cada leitor, por exemplo, entrelaça o significado pessoal de suas leituras de mundo com os vários significados que ele encontrou no decorrer de um texto ou de um livro.

Nesse sentido, há um diálogo com Vigotsky e Bakhtin já que tentaram encontrar a dialética do subjetivo e do objetivo, mediada pelo fenômeno da linguagem. Dessa forma, a linguagem é a questão central em seus sistemas. Para eles o sentido das coisas é dado ao homem pela linguagem. Nela, no diálogo, na interação, estão o tempo todo o sujeito e o outro. Procuraram, pois, na luta contra a alienação, o espaço do sujeito. E, através da leitura, fazemos acontecer essa relação dialógica.

Os PCN's⁷ colocam ainda que o processo de decodificação é uma das várias etapas de desenvolvimento da leitura, uma abordagem inicial. Segundo Bamberger,⁸ "fundem-se no ato da leitura". Trabalhar, em sala de aula, com uma diversidade de gêneros discursivos faz com que o indivíduo desenvolva as etapas de leitura, contribuindo efetivamente para a formação de leitores competentes.

A importância da leitura para a aprendizagem

Por que ler é importante? Por que a leitura não é um lazer como outro qualquer? Por que a deficiência em leitura torna algumas pessoas isoladas do grupo religioso ou do grupo do qual faça parte? De que maneira a leitura pode se tornar componente de afirmação pessoal num grupo social ou familiar?

A democratização da leitura é poder ter acesso à totalidade de experiências em seus diferentes registros. O cidadão tem contato com ela ao ler uma bula, um manual de instrução, a Bíblia, uma piada, um romance, ou seja, há uma pluralidade de registros que me parece importante já que o indivíduo faz parte de uma sociedade letrada e, para ser reconhecido, precisa ter um bom nível de letramento.

A leitura, segundo Cagliari,⁹ é a atividade mais importante, servindo de alicerce para as demais atividades desenvolvidas na escola. Faz-se necessário ratificar que a função da escola é propiciar ao aluno um contato diário com a leitura, fazendo-o usá-la em suas práticas sociais diárias. O processo que envolve o desenvolvimento da leitura abarca a linguagem em sua totalidade, como: o falar, o ouvir, o escrever, o expressar-se, pois o aluno vivencia em seu cotidiano todas essas formas

⁶ LAJOLO, 2002, p.19

⁷ PCN's, 2001, p. 56

⁸ BAMBERGER, 2003, p.23

⁹ CAGLIARI,1999, p. 28

de linguagem. Assim, as situações de desenvolvimento de leitura acontecem concomitantemente em casa, na escola e em todo o seu contexto social, mas vale ressaltar que a escola deverá sistematizar os saberes dos alunos e perceber que nem todos se sentem incentivados para ler. O contexto socioeconômico e cultural no qual o indivíduo está inserido também influencia.

O primeiro aspecto a ser considerado quando se trata de leitura é o acesso ao saber. Sabe-se que ela é o meio para se ter acesso ao conhecimento acadêmico, modificando assim nosso destino escolar, profissional e social. Nesse sentido, a escola pode interferir, ofertando uma variedade de atividades que desenvolvam e estimulem essa busca pelo conhecimento seja através do professor de sala de aula, do profissional da sala de leitura e até mesmo do laboratório de informática.

Há um tempo, a biblioteca representava o lugar onde se podiam adquirir as informações necessárias, atualmente, além da sala de leitura, pode-se também obter informações e até documentos através da internet, no laboratório de informática. Ler em casa, quando se encontra meios para isso, ou na biblioteca, é também uma maneira de complementar o aprendizado da escola e dos livros escolares. A internet pode servir, inclusive, para aprofundar um curso que lhes tenha interessado, já que às vezes podem

contar com conselhos ou depoimentos de um profissional.

Em qualquer idade, ler para ter acesso ao saber pode permitir que a pessoa mantenha um pouco o domínio sobre um mundo inconstante. Além disso, vale lembrar que não se adquire um saber apenas para fins de uso imediato, prático. Pode ser também um meio de não se sentir alheio ao assunto tratado em um determinado grupo. O saber acumulado pode ainda ser uma maneira de iniciar uma conversação ou até mesmo seduzir. Muitas vezes o saber é usado como a possibilidade para se alcançar a dignidade e a liberdade. E a busca de sentido também não se encontra muito distante. Apropriar-se dos conhecimentos através do estudo de História, Astronomia, Ciências da Vida, é um modo de participar do mundo, de compreendê-lo melhor, de encontrar um espaço nele assim como nele ser reconhecido. Portanto, neste primeiro aspecto considerado, coexistem noções apreendidas estritamente funcionais, induzidas pela demanda escolar, pelo exercício da profissão e pelas necessidades da vida cotidiana além daqueles direcionados pela curiosidade pessoal a qual se esboça um questionamento próprio.

O segundo aspecto considerado é o fato de a leitura ser uma forma para se ter acesso a um uso mais desenvolvido da língua, sem representar uma barreira social. Entre os jovens participantes das rodas de leituras,

moradores de comunidades marginalizadas, muitos mencionaram a importância que a leitura pode desempenhar na aquisição de um conhecimento mais profundo da língua. A língua padrão trabalhada na escola difere das faladas em família e na rua e o fato de conhecê-la bem assegura um certo prestígio social. Alguns, em momentos de discussão sobre as leituras ouvidas nas rodas de leitura, afirmaram que o fato de ler lhes forneceu formas para que tomassem a palavra em situações antes consideradas difíceis e até para que se rebelassem.

Por fim, a leitura que possibilita a construção de si mesmo já que a linguagem não pode ser reduzida a um instrumento, tem a ver com a construção de nós mesmos enquanto sujeitos falantes. Segundo Paulo Freire,¹⁰ quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo. Enquanto o oposto, a dificuldade de simbolizar, pode vir acompanhado de uma agressividade incontrolada. Quando se é privado de palavras para pensar sobre si mesmo, para expressar sua angústia, sua raiva, suas esperanças, só resta o corpo para falar. Portanto, não se deveria avaliar um bom leitor pela quantidade de livros lidos. Segundo FREIRE:

Há todo um aspecto qualitativo da leitura que é esquecido com o hábito de avaliar esta atividade unicamente a partir de indicadores numéricos. É possível ser

um “leitor pouco ativo” em termos estatísticos, e ter conhecido a experiência de leitura em toda sua extensão – quero dizer, ter tido acesso a diferentes registros, e ter encontrado, particularmente, em um texto escrito, palavras que o transformaram, algumas vezes muito tempo depois de tê-las lido.¹¹

Estratégias de leitura

Alguns autores ressaltam a importância de se atentar não só para a materialidade dos textos, mas também para as práticas de apropriação desses objetos por seus leitores. Sobre isso Chartier¹² afirma:

As práticas são inumeráveis. Cada um de nós realiza em um dia de vida profissional ou privada milhares de práticas cotidianas, ordinárias. Parece-me que o que podemos fazer na história da leitura não é restituir as leituras de cada leitor do passado ou do presente, como se tratássemos de chegar à leitura do primeiro dia do mundo, mas sim organizar modelos de leitura que correspondam a uma dada configuração em uma comunidade particular de interpretação. Desta maneira, não se consegue reconstruir a leitura, mas descrever as condições compartilhadas que a definem, e a partir das quais o leitor pode produzir esta criação de sentido que sempre está presente em cada leitura.

Considerando a complexidade do trabalho com leitura em sala de aula, é importante ressaltar que é uma atividade fundamental para o desenvolvimento e formação de qualquer indivíduo dentro e fora da escola e por toda a vida. O domínio ou não da leitura facilitará ou não o crescimento intelectual do indivíduo como também sua

¹⁰ FREIRE, 1991, p.68

¹¹ Idem, 1991 p. 77

¹² CHARTIER, 2001, p. 32-33

inclusão e reconhecimento no meio em que vive. O professor é o elemento adequado a definir com quais textos irá trabalhar a fim de envolver seu aluno, através de diferentes estratégias, em um ambiente propício ao desenvolvimento do gosto pela leitura assim como do incentivo a outras atividades que utilizem o texto verbal (aquele em que se empregam palavras).

Assim vale esclarecer que estratégias de leitura são habilidades usadas para promover a compreensão em situações de leitura. Segundo Kopke (2002), referem-se também a comportamentos e pensamentos que influenciam o processo de leitura de forma que a informação possa ser armazenada mais eficientemente.

Dentre várias estratégias utilizadas, em sala de aula, com o objetivo de resgatar e incentivar o gosto pela leitura, a roda de leitura foi a mais eficaz já que se busca a gratuidade da leitura, o ler pelo prazer de ler, bem como o desejo, nem sempre explícito, de que esta atividade possibilite que as pessoas falem e externalizem suas fantasias e necessidades.

Segundo Garcia,¹³ em sua Pesquisa: Literatura e identidade – rodas de leitura com jovens afrodescendentes inspiradas em

griôs¹⁴, essa estratégia recebe esse nome, pois é uma formação em círculo, denotando que a hierarquia não se deve estabelecer a partir do lugar ocupado pelos participantes, mesmo se reunindo em torno de um leitor-guia. A quantidade de participantes não é uma regra; trabalhar com aproximadamente quinze pessoas permite ao leitor-guia conhecer melhor cada um dos componentes da roda. Porém, deve-se atentar para o fato de que não haja poucos participantes, impossibilitando uma variedade de opiniões; nem muitos, perdendo a possibilidade de distinguir quem é quem. A definição dos textos é da maior importância para o êxito de uma roda de leitura, sendo fundamental que o leitor-guia se identifique com a sua escolha: conto, poema, letra de música, crônica, reportagem de jornal etc.; o que não significa que ele não negocie com o grupo com o qual vai realizar a roda.

Os textos escolhidos por mim para a leitura e discussão surgiram de comentários em sala de aula feitos pelos alunos, demonstrando seus interesses e visão de mundo. Não houve preocupação com a escolha de um gênero discursivo único. Sendo assim, foram trabalhados letras de música, reportagens e contos. Todos tinham em comum temas ligados à vivência dos alunos

¹³ GARCIA, 2011

¹⁴ Griô é um termo brasileiro que define um arcabouço imenso do universo da tradição oral africana.

desde o estilo musical deles até a violência vivenciada em seus bairros.

Os textos que traziam situações mais concretas, como drogas, violência e outros fatos próximos à realidade deles renderam discussões mais longas e ricas em informações. Os que abordaram questões mais abstratas, como liberdade, medo ou felicidade, apresentaram uma discussão mais empobrecida, necessitando maior provocação do leitor-guia, mas acabaram apontando para uma certa dificuldade dos adolescentes para abstrair-se de sua condição concreta. A maioria, ao falar de liberdade, expôs ideias como: não sou livre porque não posso sair de casa quando quero. Já ao se tratar do medo ficou evidente a preocupação com as gangues rivais e a violência sexual dentro e fora de casa.

O fato de as discussões tendenciarem para a subjetividade revelou a necessidade de apoio, de busca por soluções para problemas individuais assim como sinalizou que a escola precisa incluir em seu currículo o trabalho com valores – respeito, amor, solidariedade, preconceito, entre outros – e sobre as implicações práticas de expressá-los para si mesmos, para a comunidade e para o mundo em geral.

As estratégias que envolveram o desenvolvimento da leitura aconteceram de maneira tal que os leitores agiram sobre os variados textos e conseqüentemente os textos

agiram sobre os leitores, provocando neles uma necessidade de falar sobre si mesmos, suas realidades numa busca de reconhecimento de sua identidade. A própria leitura oral feita pelo leitor-guia possibilitou uma forma de incentivo a outras leituras já que a entonação da voz, a fisionomia e a expressão corporal propiciaram, nos ouvintes, uma vontade de ler daquela forma um dia. Nessa direção, Solé¹⁵ afirma que o processo que envolve o desenvolvimento da leitura atua na linguagem como um todo, como o falar, o ouvir, o sentir, pois o aluno vivencia em seu cotidiano todas essas linguagens que elencarão seu aprendizado convencional de leitura.

Dessa forma, a roda de leitura representa para eles toda essa vivência de ouvir e falar e ainda um incentivo de querer ser igual ao leitor-guia no que diz respeito à oralidade.

As rodas foram realizadas uma vez por semana com a duração aproximada de uma hora e observei que alguns alunos que no início se mantiveram calados ou envergonhados foram se entrosando tanto nas discussões após a leitura quanto na escolha dos temas futuros além de demonstrarem interesse em ler em voz alta.

¹⁵ Solé, 1998, p. 25

Considerações finais

Através deste artigo, tem-se a oportunidade de ponderar sobre alguns dos muitos aspectos que envolvem o desenvolvimento de leitura através das estratégias utilizadas em sala de aula. A questão abordada é de grande complexidade porque não se esgota aqui e entendo que não se limitará à realização da roda de leitura para que todos os problemas se resolvam. Tenho a certeza de que há a necessidade de novas reflexões sobre a própria linguagem por práticas sociais de leitura.

No decorrer deste artigo, os teóricos como Orlandi, Koch, Cagliari, Freire, entre outros, contribuíram muito no sentido de conduzir as reflexões, evidenciando a importância da leitura como atividade funcional da comunicação, bem como, deixando explícita a relevância da intervenção docente no processo de seleção de atividades para a sistematização do ato de ler.

As rodas de leitura, que a princípio causaram estranheza, já que era uma novidade entre os alunos do Ensino Médio, propiciaram um ambiente descontraído e prazeroso, além de possibilitarem perceber o universo feliz ou triste, contraditório ou não, características próprias do ser humano.

Como concordo com Rubem Alves ao afirmar, em *A Pedagogia do Olhar*, que “educar é mostrar a vida a quem não a viu. O

aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu. Seu mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente e assim pode sentir mais alegria e dar mais alegria”, acredito que a postura do professor em relação ao que é oferecido ao aluno para ler assim como a forma de trabalhar o texto são tópicos relevantes e bastante explorados nas rodas de leitura.

Dessa forma, conhecer a pesquisa do professor doutor Pedro Garcia foi primordial para que aplicasse aos alunos essa nova estratégia. Assim avaliei o quão motivadoras eram e como tornaram os encontros agradáveis e instigantes e, principalmente, como contribuíram positivamente para uma aproximação entre mim e meus alunos; além de influenciarem na maneira de eles se comportarem diante de um texto e até mesmo diante de uma exposição oral.

Através dos textos, os professores devem fazer os alunos entenderem que as palavras só têm sentido se nos ajudam a ver um mundo melhor. Não lemos apenas quando precisamos estudar, mas sabemos que “o conhecimento nos dá meios para viver” e podemos adquirir sabedoria quando lemos para (re)construirmos o mundo, dependendo da leitura que fazemos de nós mesmos através dos textos. Ler é uma necessidade, e não precisa ser um momento de frustração.

Referências bibliográficas

- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de ler**. 7ª Ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. 3ª Ed. Brasília: A secretaria, 2001.
- CAGLIARI, **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2004.
- GARCIA, Pedro Benjamim. **Literatura e identidade: rodas de leitura com jovens afrodescendentes inspiradas nos griôs**. Projeto de Pesquisa que contou com o apoio do CNPq (2008-2011).
- CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. 1ª Ed. São Paulo: Unesp, 2014.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 26ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky & Bakhtin – Psicologia e Educação: um intertexto**. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2002.
- KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender os sentidos do texto**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- KOPKE FILHO, H. (2002). Repertório de estratégias de compreensão de leitura e conhecimento metacognitivo de professores de língua portuguesa. **Psicologia Escolar e Educacional**, 6, 67-80.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 2002.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.